

La Comédiathèque



+

✡

Denominação de Origem não Controlada

☾

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediatheque.net>

Denominação de origem não controlada

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Diane apresenta aos pais o noivo, Karim. Exasperado com a atitude condescendente dos futuros sogros, demasiado orgulhosos de uma linhagem francesa que, segundo dizem, remonta à Idade Média, Karim desafia Diane a fazer um teste de ADN para provar a pureza das suas origens. Os resultados inesperados desencadeiam uma reação em cadeia...

Personagens

Diane: jovem advogada

Karim: o seu noivo, ator

Thérèse: mãe de Diane

Édouard de Valmont: pai de Diane, magistrado reformado

© La Comédiathèque

Uma sala de uma casa burguesa, com móveis de estilo e uma decoração antiquada. Um crucifixo na parede do fundo e uma imagem da Virgem sobre um móvel. Thérèse, uma cinquentona de elegância tradicional, dobra cuidadosamente roupas de bebé e coloca-as numa caixa. O telemóvel toca e ela atende.

Thérèse – SOS Mães em Dificuldade, estou a ouvir... Ah, és tu, Marie-France... Não, não incomodas... Estou a preparar uma encomenda... para aquela pobre pecadora que, graças a Deus, conseguimos convencer a não abortar... Pois, uma interrupção voluntária da gravidez, como agora lhe chamam... Podem modernizar as palavras à vontade: uma pessoa invisual continuará a ser cega... e tirar a vida a um inocente continuará a ser um crime. O Édouard? Vai andando... Desde que se reformou, não sabe muito bem o que fazer, mas enfim... Felizmente meteu na cabeça escrever aquele livro. Assim entretém-se... Sempre vêm jantar no sábado? Bem, não sei... É dia de Reis, tragam uma galette. Sorteamos quem fica com a coroa! Está bem, então até sábado! Adeus, Marie-France. Manda lembranças minhas ao Bernard-Henri...

Guarda o telemóvel e volta à encomenda. Entra Édouard, na casa dos sessenta anos, com o mesmo estilo de elegância antiquada, uma pasta na mão e um ar radiante.

Édouard – Pronto, acabei de enviar o manuscrito ao meu editor!

Thérèse – Mas que maravilha... Há quanto tempo andavas a trabalhar nesse livro?

Édouard – A pesquisa levou-me pelo menos três anos. A escrita propriamente dita, uns nove meses.

Thérèse – Nove meses...

Édouard – Sim, sinto-me como uma mulher que acaba de dar à luz... Estou aliviado e, ao mesmo tempo... sinto um grande vazio.

Thérèse – Não me digas que vais ter uma depressão pós-parto...

Édouard – Espero que interesse a alguém... De qualquer maneira, para os nossos netos, será sempre interessante conhecerem a sua árvore genealógica.

Thérèse escuta-o distraidamente, sem deixar de dobrar as roupas de bebé e de encher a caixa.

Thérèse – Sim, sem dúvida...

Édouard – Não pareces muito interessada no que te estou a contar... No entanto, também falo de ti neste livro.

Thérèse – Mas claro que me interessa... Onde queres chegar?

Édouard – As origens da tua família, tal como as dos de Valmont, remontam pelo menos à Idade Média, imagina!

Thérèse – Não percebo tanto de genealogia como tu, mas, como dizia o meu pai, é sempre bom sabermos de onde vimos para sabermos quem somos.

Édouard – E não é só a história da nossa família. Neste livro também se fala da História, com H maiúsculo. O nosso destino familiar está ligado ao do nosso país.

Thérèse – Claro...

Édouard – Como juiz de instrução, conduzi muitas investigações ao longo da minha vida. Esta foi a mais difícil, mas também a mais apaixonante.

Thérèse – Felizmente, desta vez não é uma investigação criminal...

Édouard – Espero ter os primeiros exemplares daqui a algumas semanas. Podíamos organizar uma pequena sessão de autógrafos na Livraria Notre-Dame. Seria uma oportunidade de reunir toda a família! E os amigos também. Que achas?

Thérèse – Porque não? Sim, seria ótimo.

Édouard – Não sei se será um êxito de vendas, mas estou satisfeito por poder deixar este legado aos nossos descendentes...

Thérèse – Embora te lembre que, por enquanto, ainda não temos nenhum...

Édouard – Mais tarde ou mais cedo, hão de aparecer. A Diane não vai ficar solteira a vida inteira.

Thérèse – É nova, acabou de terminar os estudos. Ainda tem tempo para formar uma família...

Entra Diane, com um aspeto mais moderno do que o dos pais.

Diane – Estavam a falar de mim?

Thérèse – Estávamos a falar do livro do teu pai...

Diane – Ah, sim... Ainda estavas indeciso quanto ao título. Já te resolveste?

Édouard – Sim. E confesso que estou bastante satisfeito.

Diane – Que suspense... Então?

Édouard tira do dossiê uma folha de cartolina e entrega-lha.

Édouard – Aqui está a maquete da capa.

Diane olha para a maquete e lê o título.

Diane – «Em linha direta. Uma família francesa».

Édouard – Que te parece?

Diane – Ah, sim, está... Está bem. E essa «linha direta»... imagino que também haja uma alusão à direita política, não?

Édouard – Para o bem e para o mal, vivemos numa república, minha querida. Ainda temos o direito de mostrar as nossas convicções, não?

Diane olha novamente para a maquete.

Diane – A flor-de-lis talvez não fosse absolutamente indispensável... Mãe, que achas?

Thérèse – Tenho a certeza de que vai ser um best-seller...

Édouard – Afinal, somos uma família numerosa e, como o livro fala de todos nós, se cada um comprar um exemplar devemos vender pelo menos duzentos.

Thérèse – O teu pai está a pensar numa sessão de autógrafos na Livraria Notre-Dame. Podíamos falar com o pároco e convidar os nossos paroquianos. Como diz o teu pai, este livro também é uma página da História de França.

Diane – E quando vai ser essa pequena festa?

Édouard – O livro vai para a gráfica em breve. Daqui a três semanas, devo ter os primeiros exemplares.

Diane – Ótimo... Até que época conseguiste recuar, afinal? Da última vez, ias em Luís XV, acho eu...

Édouard – Carlos Martel do lado da minha família e Joana d’Arc do lado da família da tua mãe.

Diane – Joana d’Arc?

Édouard – Bem... Não em linha direta, evidentemente...

Diane – Ah, pois...

Consulta o telemóvel.

Thérèse – E tu, querida? Está tudo bem?

Édouard – Como está a correr no teu novo escritório de advogados?

Diane – Acabaram de me entregar o meu primeiro processo.

Édouard – De que se trata? Sem violares o segredo profissional, claro...

Diane – Um homem que descobre, já numa idade avançada, que não é o pai do filho.

Thérèse – E então?

Diane – Pede o divórcio e quer deserdar o filho ilegítimo.

Édouard – Mas, graças a Deus, isso não é possível. Pelo menos a parte de deserdar o filho...

Diane – Felizmente, para todos os bastardos de França e de Navarra.

Édouard – Pois...

Thérèse – Que idade tem essa pobre criança?

Diane – Setenta e três anos. O pai está quase nos cem.

Thérèse – E como soube que o filho não era dele? Setenta e três anos depois...

Diane – Com um teste de ADN, muito simplesmente. Hoje em dia vendem-nos na Internet por uns cinquenta euros.

Édouard – Esses sites são uma ameaça à paz das famílias.

Diane – Claro. Esses testes serviram sobretudo para revelar a centenas de maridos que eram cornos.

Édouard – Felizmente, em França estes testes são proibidos.

Diane – A não ser que sejam ordenados por um tribunal. Foste juiz de família, deves ter autorizado alguns, não?

Édouard – Aconteceu-me... Em casos muito específicos... Nunca para alimentar suspeitas dentro das famílias nem para satisfazer a curiosidade mórbida de alguns.

Thérèse – É verdade... Porque é que um francês comum há de querer saber a todo o custo se tem ou não genes africanos no seu património genético?

Édouard – Afinal, segundo os antropólogos, se recuarmos o suficiente, África é o berço da humanidade.

Diane – Tens uma lata para dizer isso! Passaste três anos a reconstruir a nossa árvore genealógica até à Idade Média!

Édouard – Porque os de Valmont são uma antiga família francesa, com um passado glorioso! Se me chamasse Dupont ou Durand, não teria recuado tanto no tempo.

Diane – Estou a ver. Então, para ti, a genealogia não é para a gente do povo...

Édouard – Digamos que é mais interessante quando se descende de uma linhagem prestigiosa...

Thérèse – Mesmo assim... Faz-me impressão saber que agora és advogada...

Édouard – E que os teus clientes te tratam por «Maître».

Thérèse – Decididamente, toda a família se dedica aos assuntos de família... Primeiro o teu pai, como juiz, agora tu, como advogada.

Diane – Aliás, tu também, com a tua associação de apoio a mães solteiras, à tua maneira tentas proteger a família, não é?

Thérèse – Sim...

Diane – Tens razão. É curiosa esta obsessão da nossa família pelos assuntos de família. (A brincar) Será que esconde... um segredo de família?

Os pais não respondem, mas parecem pouco à vontade.

Édouard – Bem, tenho de vos deixar. Vou passar na Livraria Notre-Dame para tentar marcar a sessão de autógrafos.

Thérèse – E eu tenho uma encomenda para entregar... Até logo, querida.

Thérèse pega na caixa, mas Édouard tira-lha das mãos.

Édouard – Ajudo-te... Deixo-te no caminho para a livraria.

Thérèse – Nem sabes para onde vou!

Édouard – Sabes bem que o meu caminho é sempre aquele que tu segues, querida...

Saem. Diane consulta novamente o telemóvel. Toca a campainha. Ela vai abrir a porta e regressa com Karim, um homem na casa dos trinta, vestido de forma descontraída.

Karim – Estás sozinha?

Diane – Os meus pais acabaram de sair. Não te cruzaste com eles?

Karim – Não...

Diane – Esperaste que eles saíssem para tocar à campainha!

Karim – Claro que não...

Diane – É incrível... Assustam-te assim tanto?

Karim beija-a ternamente.

Karim – Eles têm alguns motivos para não gostar de mim. Em breve vou levar-lhes a filha única no meu cavalo branco...

Diane – Um cavalo branco... Um puro-sangue árabe, portanto... Queres beber alguma coisa?

Karim – Não sei... O que há no bar dos teus pais? Vinho de missa? Chartreuse? Elixires de mosteiro?

Diane – Não comeces...

Karim – Está bem, metem-me medo...

Diane – Não é como se nunca os tivesses conhecido! Sabem que andamos juntos. Já jantaste com eles várias vezes. Ainda não te envenenaram...

Karim – Porque ainda não sabem que nos vamos casar... Já lhes contaste?

Diane – Ainda não...

Karim – Prometeste que o farias.

Diane – Ainda não encontrei a altura certa. E afinal não deverias ser tu a pedir a minha mão ao meu pai?

Karim – É verdade... No início do século passado era assim que se fazia... Aliás, quando olho para os móveis da vossa sala, tenho a impressão de que o relógio parou pouco antes da Revolução Francesa.

Diane – Então tens medo. Não estava à espera disso de ti...

Karim – O teu pai é juiz de instrução!

Diane – Reformado.

Karim – Os únicos árabes que conheceu na vida foram os que passaram pelo seu tribunal. Para os mandar para a prisão logo a seguir...

Diane – Que disparate! Aliás, a minha mãe disse-me que parecias um bom rapaz.

Karim – Um bom rapaz? Não sei como hei de interpretar isso...

Diane – O contrário de um bad boy...

Karim – Estou a ver... Um bom rapaz... para um árabe.

Diane – A sério, não acho que, quando te veem, a primeira coisa em que pensem seja a tua origem étnica.

Karim – O teu pai passou três anos a reconstruir a árvore genealógica da família até à Idade Média. Para provar que já era francês antes de existir a França. Chamar-lhe obsessão identitária não me parece um exagero...

Diane – É um trabalho de historiador... Não é crime interessarmo-nos pela história da nossa família. E, entre nós, «árabe»... Tu nasceste num dos bairros mais elegantes de Paris!

Karim – Muçulmano, se preferires.

Diane – Bebes álcool e comes enchidos de porco.

Karim – Talvez. Mas os meus pais nasceram em Casablanca e há vinte anos ainda nem sequer eram franceses.

Diane – Pronto, mudemos de assunto, porque já me estás a irritar...

Karim – Está bem...

Diane – Não queres mesmo beber nada?

Karim – Um whisky, então.

Diane – Um whisky? A esta hora? Tens a certeza?

Karim – Preciso de um estimulante.

Diane – Mesmo sendo contra a tua religião...

Karim – Agora és tu que recomendas...

Diane – Está bem, não disse nada. Aliás, vou acompanhar-te. Também tive uma manhã difícil.

Tira do bar dois copos e uma garrafa de whisky. Enche um dos copos.

Karim – Eh lá... Devagar, isso não é água benta...

Diane – Tens razão, acho que servi demais.

Diane pega no copo e deita metade do conteúdo no outro.

Karim – Enfim, mesmo que fique um pouco bêbedo, não faz mal. Hoje não tenho espetáculo...

Diane – Ah, não?

Karim – É segunda-feira! Dia de folga no teatro. Se nos casarmos, vais ter de te habituar. É à segunda-feira que iremos ao restaurante ou ao cinema. Tal como os pequenos comerciantes, que também fecham nesse dia.

Diane – Exceto as mercearias árabes, que estão abertas todos os dias... Em que peça estás a entrar agora?

Karim – O Burguês Fidalgo, de Molière. No fundo, é um pouco a história do teu pai.

Diane – Achas?

Karim – de Valmont... Está bem, têm uma partícula no apelido, mas não um título nobiliárquico, pois não?

Diane – O meu avô era barão. O irmão mais velho do meu pai é que herdou o título.

Karim – Barão... É o grau mais baixo da nobreza francesa. Abaixo disso só há cavaleiros.

Diane – Parece que percebes muito do assunto. Andaste a investigar?

Karim – A tua família remonta à Idade Média, grande coisa! O homem descende do macaco e o macaco desce da árvore. É tudo o que precisamos de saber sobre genealogia.

Diane – Muito engraçado.

Karim – Todos temos antepassados, não? Uns sabem os nomes deles, outros não. Mas, no fundo, até a tua porteira portuguesa tem uma árvore genealógica que remonta a Adão e Eva.

Diane – Porque é que te incomoda tanto o interesse do meu pai pela genealogia?

Karim – Ele gaba-se de que a família é francesa há trinta gerações! Achas que vai gostar de ver um árabe subir ao cimo da sua árvore genealógica cem por cento gaulesa?

Diane – São um bocado reacionários, admito. Mas racistas não são...

Karim – Um bocado reacionários? Vão à missa todos os dias. O teu pai é monárquico e a tua mãe milita numa associação pró-vida!

Diane – Pró-vida... Também não exageres...

Karim – Antiaborto, se preferires.

Diane – É uma associação de apoio a mães solteiras.

Karim – Sim, para as dissuadir de abortar!

Diane – Está bem, são reacionários. Mas não tenho culpa de ser a última descendente de uma antiga família francesa, com antepassados que fizeram parte da História.

Karim – Uma antiga família francesa... Mas ouves o que estás a dizer?

Diane – O quê? Queres que tenha vergonha?

Karim – Não. Mas também não vejo porque hás de ter orgulho nisso...

Diane – O meu pai descende de Carlos Martel!

Karim – O que travou os árabes em Poitiers...

Diane – A minha mãe descende de Joana d’Arc.

Karim – A que expulsou os ingleses de França...

Diane – Antes de a extrema-direita se apropriar dela, Joana d’Arc era um pouco como o general de Gaulle. Não me digas que também tens alguma coisa contra de Gaulle!

Karim – Sou tão francês como tu, não te esqueças. Mas a minha França é a da mistura e do multiculturalismo. Não a do apartheid e da seleção genética.

Diane – Não achas que estás a exagerar? Se eu quisesse proteger a pureza da minha raça, não me casaria com um árabe, pois não?

Karim – Não estou a falar de ti, estou a falar dos teus pais! Espera lá... Tu descendes de Joana d’Arc? Pensava que ela tinha morrido virgem!

Diane – Bem... Talvez não em linha direta... Não percebi muito bem...

Karim – Tens a certeza de que também não descendes da Virgem Maria?

Diane aproxima-se dele e abraça-o ternamente para tentar acalmar as coisas.

Diane – Não vamos discutir por causa de Joana d’Arc, pois não?

Karim – Tens razão, desculpa.

Diane – Amo-te, sabes bem. Aceito-te como és. Mas também tens de me aceitar... com os meus pais. E os meus pais já não vão mudar agora.

Karim – Não, infelizmente...

Diane – Foi por isso que te perguntei se te importavas que nos casássemos pela Igreja. Dava-lhes tanta alegria...

Karim – Ainda não disse que sim...

Diane – Também não queres casar numa mesquita, pois não?

Karim – Podemos casar só pelo civil, como tanta gente.

Diane – Está bem. Então faz isso por mim. Um casamento na igreja tem sempre mais encanto, não achas?

Karim – Se tu o dizes...

Diane – Prometo que farei o meu melhor para que tudo corra bem com os meus pais.

Karim – Ainda assim, ficarei mais tranquilo quando já tiver falado com eles.

Diane – Anunciaremos juntos, certo?

Karim – Quando?

Diane – Hoje! Vou dizer-lhes que te convidei para tomar chá. Acho que já desconfiam de alguma coisa. Não vão ficar muito surpresos...

Karim – Se tu o dizes...

Diane – Pronto, então... Inshallah...

Escuro.

Édouard, Thérèse, Diane e Karim estão sentados à volta da mesa baixa da sala, onde há uma galette des rois, um bule de chá e chávenas. Thérèse corta a galette.

Thérèse – Não vamos pedir à mais nova que vá para debaixo da mesa...

Édouard – Não... Curiosamente, com os anos, a mesa ficou demasiado pequena...

Édouard – Sabe de onde vem esta antiga tradição francesa, Karim?

Diane – Fui eu que comprei a galette. Pelo preço, diria que a tradição foi inventada pelos padeiros.

Édouard – Em França, a galette des rois é um bolo tradicional da Epifania. Celebra a visita dos Reis Magos ao Menino Jesus.

Karim – Claro... (Uma pausa) Embora me pareça ter lido algures que esta tradição pagã remonta aos Romanos. Muito antes do nascimento de Jesus Cristo.

Diane disfarça um sorriso. Os pais parecem surpreendidos.

Thérèse – A sério? Não sabia...

Karim – A galette des rois vem das Saturnais, festas realizadas na altura do solstício de inverno. Dava-se um bolo aos escravos e quem encontrasse a fava tornava-se rei por um dia. Até podia mandar no dono, antes de voltar à escravatura no dia seguinte — ou de ser executado, conforme o capricho do proprietário.

Thérèse – Que horror... Tem a certeza?

Diane – Podes acreditar no Karim, mãe... Deve ter confirmado isso na Wikipédia antes de vir, enquanto eu estava na fila da padaria...

Comem em silêncio, com cuidado.

Édouard – Cuidado com os dentes... Não me admirava que esta tradição tivesse sido recuperada pela associação dos dentistas. Quem partir um molar na fava ganha uma coroa.

Sorrisos corteses.

Diane – Já te tinha avisado, Karim. O meu pai tem muita graça...

Thérèse – Ah, parece que me calhou a fava...

Édouard põe uma das duas coroas na cabeça de Thérèse.

Édouard – Então, aqui temos a rainha...

Thérèse pega na outra coroa e põe-na na cabeça do marido.

Thérèse – E aqui está o meu rei...

Diane e Karim observam-nos, um pouco embaraçados com aquele espetáculo ridículo.

Diane – Acho que o chá já está suficientemente em infusão, não?

Thérèse serve o chá.

Thérèse – É chá de hortelã... Para variar... Claro que não deve ser tão bom como o da tua mãe, Salim.

Diane – Karim, mãe...

Thérèse – Desculpe... Karim, claro. A Diane fala-nos tanto de si... É imperdoável não me lembrar do seu nome...

Édouard – O senhor é ator, não é?

Karim – Sim.

Thérèse – Espero que esteja suficientemente doce.

Édouard – Também fiz algum teatro no liceu.

Diane – Nunca me tinhas contado isso...

Édouard – Provavelmente contei, mas esqueceste-te... Dizem que os velhos se esquecem do que lhes dizem. Os novos ainda são piores: nem sequer ouvem.

Thérèse – Os velhos como nós... Fala por ti, velho caturra! Eu ainda não tenho Alzheimer...

Édouard – Não, mas esqueceste-te do nome do Karim.

Thérèse – Vê no que se transformam os casais velhos, meu jovem. Passamos a vida a implicar um com o outro... E só piora com os anos, acredite.

Édouard – Um conselho: nunca se case... ou, pelo menos, adie o mais possível.

Karim lança a Diane um olhar aflito, que a leva a tomar a palavra.

Diane – Pois bem, precisamente a propósito de casamento, o Karim e eu... Temos uma notícia para vos dar.

Thérèse – Uma notícia...?

Diane – Uma boa notícia.

Édouard – Ah, sim?

Diane – Não adivinham?

Thérèse – Não, por acaso...

Diane – O Karim e eu vamos casar-nos.

Silêncio.

Thérèse – Casar...?

Édouard – Casar... querem dizer... um com o outro, imagino.

Diane – Pois claro, um com o outro!

Thérèse – Muito bem... Quero dizer... se é isso que querem.

Édouard – Mas... não é já, pois não?

Diane – Já, não. Não é amanhã, se é isso que queres saber.

Karim – Ainda não marcámos a data, claro. Queríamos primeiro dar-vos a notícia.

Silêncio desconfortável.

Diane – Seja como for, já vemos que ficaram mesmo muito contentes.

Édouard – Não, não, claro que sim... É só que... com a publicação do meu livro...

Thérèse – Sim... Vamos ter de marcar uma data...

Édouard – Não sei onde deixei a agenda...

Procura a sua agenda preocupado.

Thérèse – Também teremos de avisar a família, evidentemente... Reuni-los a todos ao mesmo tempo vai ser um quebra-cabeças...

Karim – Não há pressa, sabem... Podemos voltar a falar disso mais tarde...

Édouard – Sim, talvez fosse melhor...

Diane – Assim terão tempo para pôr o champanhe a refrescar...

Thérèse – Está bem... Sim, porque desculpem-nos... Não tínhamos planeado nada...

Édouard – Devemos ter uma garrafa algures, mas não deve estar muito fresca.

Thérèse – Até me pergunto se ainda estará boa... E o Karim talvez não beba champanhe...

Diane – Porque é que ele não haveria de beber champanhe?

Thérèse – Não sei... Disse isso sem mais...

Diane – Nem todos os árabes bebem só chá de menta, mãe...

Thérèse – Querem mais um pouco?

Karim – Obrigado, estamos bem...

Thérèse – Então talvez devêssemos deixá-los a sós, não é, Édouard?

Édouard – Sim, de facto, tenho de ligar para o meu editor.

Thérèse – E também devem ter muitas coisas para conversar...

Diane – Sim, mas... Não é como se fosse um casamento arranjado e nos acabássemos de conhecer... Já nos conhecemos bastante bem...

Thérèse – Claro... Não, quero dizer... para a organização da cerimónia, e isso.

Levantam-se.

Édouard – Então, até breve, Karim.

Saem. Um pesado silêncio.

Diane – Está bem, são uns velhos idiotas... Mas que queres que faça? São os meus pais...

Karim – Eu avisei.

Diane – De qualquer maneira, também não disseram que não.

Karim – Não, acho que a frase exata foi... se é isso que desejam.

Diane – Não foi muito caloroso, admito. Não estavam à espera. Mas não disseram que não...

Karim – É incrível... Pensam que são os eleitos, mas parecem dinossauros...

Diane – Eh... Estás a falar de mim também, não te esqueças...

Karim – Sim, felizmente sacrifico-me para revitalizar esta longa linhagem consanguínea.

Diane – Achas que tenho assim tão mau aspeto? Obrigada...

Karim – Não, exatamente o contrário, e é isso que me surpreende.

Diane – Porque, se assim fosse... ainda podias mudar de ideias e casar com uma franco-marroquina com genes novos e bem diversificados.

Karim – Ouve, Diane, tens de compreender que isto é bastante humilhante para mim.

Diane – Compreendo perfeitamente, acredita. Vou falar com eles...

Karim – Não é como se vivesse nos subúrbios, ou se os meus pais fossem donos da loja da esquina. Também sou um autêntico produto da burguesia. A burguesia de Casablanca, talvez, mas burguesia ao fim e ao cabo. O meu avô foi ministro da Justiça em Marrocos... O teu pai é apenas um juiz reformado!

Diane beija-o.

Diane – Tudo se há de resolver, garanto-te... Só temos de lhes dar tempo para se habituarem à ideia.

Karim – Tempo? Quanto tempo?

Diane – Eu falo com eles, já te disse...

Karim – Está bem... Então volto mais tarde... De qualquer modo, tenho um ensaio daqui a uma hora. O Burguês Fidalgo, lembras-te?

Karim sai. Diane suspira. Thérèse regressa.

Thérèse – O Karim já foi embora?

Diane – Sentiu-se um pouco constrangido...

Thérèse – Ah, sim...?

Diane – Não é como se lhe tivessem dito que aqui estava em casa, de braços abertos, como um novo membro da família...

Thérèse – Desculpa-nos... Fomos apanhados de surpresa.

Diane – Andamos juntos há mais de um ano e vocês sabem-no perfeitamente.

Thérèse – Pensávamos que era apenas mais uma aventura. Reconhece que já tiveste algumas antes dele...

Diane – Então digamos que desta vez é a sério.

Thérèse – Tens a certeza?

Diane – Amo-o. E sei que ele também me ama. Em princípio, isso chega, não?

Um momento.

Thérèse – Não estás grávida, pois não...?

Apanhada de surpresa, Diane demora a responder.

Diane – Não, não estou grávida, mãe. Mas estamos no século XXI. As mulheres já não se casam só porque estão grávidas.

Thérèse – Não, infelizmente... Algumas preferem abortar...

Diane – Confesso que fiquei espantada com a vossa reação... O Karim acha que vocês são uns velhos reacionários, e começo a perguntar-me se não terá razão.

Thérèse – Foi isso que ele disse?

Diane – Em termos mais diplomáticos, mas... sim, era mais ou menos essa a ideia.

Thérèse – Ouve, querida, não nos vamos opor a esse casamento, evidentemente. Só queremos ter a certeza de que estás a fazer a escolha certa. Somos os teus pais; é natural que nos preocupemos.

Diane – Porque não seria a escolha certa? Porque ele é árabe?

Thérèse – De modo nenhum, mas ele é... ator.

Diane – Ator e árabe, portanto...

Thérèse – Compreendes que, para nós, mesmo sendo sem dúvida um bom rapaz, que por acaso nos trata como dois velhos inúteis, não fosse à partida o genro ideal.

Diane – Por ser ator...? Estudou no Conservatório. É membro da Comédie-Française. Está longe de ser um palhaço de circo ou um encantador de serpentes...

Um momento.

Thérèse – Mas conheces os pais dele, ao menos?

Diane – Vi-os uma ou duas vezes. Mas não vou casar-me com os pais dele...

Thérèse – E então... eles são...?

Diane – Muçulmanos, sim. Como a maioria dos árabes. E a maioria dos franceses é católica.

Thérèse – E eles...? Concordam com este casamento?

Diane – Se não concordarem, passamos sem a autorização deles. Tal como passamos sem a vossa, aliás.

Thérèse – Então eles ainda não sabem...

Édouard entra.

Édouard – Que se passa? Ouço-vos discutir lá do escritório...

Thérèse – Estávamos a falar deste projeto de casamento...

Diane – Um projeto? Não é um projeto, mãe. É uma decisão. Estamos apenas a informar-vos...

Édouard – Bem...

Diane – Vou deixar-vos... Ainda dizia coisas de que me arrependeria mais tarde. Quando estiverem mortos...

Édouard – Que encanto...

Thérèse – Mas, Diane... Não vás assim...

Diane sai. Édouard e Thérèse trocam um olhar constrangido.

Édouard – Então, este casamento... Na igreja? Na mesquita?

Thérèse – Ambos...?

Escuro.

Diane examina as provas do livro do pai. Karim entra.

Karim – O que estás a ler?

Diane – O livro do meu pai. Quer dizer, as provas de impressão. Pediu-me que visse se ainda restavam algumas gralhas...

Ela coloca o manuscrito e Karim lê o título.

Karim – «Em linha direta. Uma família francesa»... Tenho a impressão de que, nesta história, a gralha sou eu... Já falaste com eles?

Diane – Sim.

Karim – E então...

Diane – Não é tão fácil...

Karim – Já percebi.

Diane – Não os estou a defender, claro... Mas não quero ter de escolher entre ti e a minha família, percebes?

Karim – Ah, já chegámos a esse ponto?

Diane – Não, Karim! Só digo que prefiro poupá-los, mais nada. O meu pai acabou de publicar um livro. É a obra de uma vida inteira. Independentemente de ele ter ou não razão, está orgulhoso de poder mostrar ao mundo que descende de uma família francesa e que a filha é descendente direta de Carlos Martel. Percebes que aparecer na sessão de autógrafos com um genro norte-africano o poderia deixar pouco à vontade?

Karim – Constrangido? Não achas que quem mais se sente constrangido com tudo isto sou eu?

Diane – Tens razão... Desculpa... É muito egoísta da minha parte...

Karim pega no manuscrito.

Karim – E, francamente, «francesa de gema»...

Diane – Admito que a expressão foi infeliz.

Karim – «Em linha direta»... Acreditas mesmo nesses contos de fadas?

Diane – É uma investigação muito documentada, sabes? Andou mais de três anos a trabalhar nisso.

Karim – Na genealogia, a linha reta raramente é o caminho mais curto entre uma geração e a seguinte.

Diane – O que isso significa?

Karim – Em algum momento, inevitavelmente há algumas saídas do caminho... Desvios incontrolláveis...

Diane – Estás a chamar corno ao meu pai e adúltera à minha mãe?

Karim – Não estou a falar dos teus pais! Estou a falar da tua árvore genealógica, que remonta às Cruzadas. Acreditas mesmo que, em mais de mil anos, nenhuma mulher da tua família tenha traído o marido? Durante as Cruzadas, por exemplo...

Diane – Não acredito que as mulheres acompanhassem os maridos nas Cruzadas.

Karim – Não, precisamente. Ficavam sozinhas nos castelos. Algumas devem ter achado o tempo muito longo. E os cintos de castidade não seriam certamente um obstáculo intransponível para alguém muito motivado e habilidoso.

Diane – Sim, talvez...

Karim – Achas mesmo que o adultério só foi inventado na época moderna?

Diane – Não sei... Talvez algumas mulheres tenham traído os maridos... Mas não com estrangeiros, pelo menos... Como tu próprio disseste, deve ter ficado tudo em família... Será por isso que parecemos tão degenerados?

Karim – Em vez de fazerem uma árvore genealógica, os teus pais deviam ter feito um teste de ADN. É muito mais rápido e fiável. Pelo menos saberias com certeza quais são as tuas origens étnicas.

Diane – Que estás a tentar provar?

Karim – Faz o teste!

Diane – É ilegal em França, exceto por ordem de um juiz. Estou bem informada sobre isso, sou advogada.

Karim – Mas é legal noutros países. Nada te impede de enviar uma madeixa de cabelo pelo correio e receber os resultados do estrangeiro. Se quiseres, trato disso: tenho uma amiga na Bélgica. E sabes uma coisa?

Diane – O quê? Fez esse teste milagroso e descobriu que era negra?

Karim – Não. Descobriu que tinha um irmão que não conhecia...

Diane – Um irmão? Como assim?

Karim – Os resultados dos testes de ADN podem ser cruzados com árvores genealógicas que as pessoas colocam voluntariamente no site. Foi assim que ela descobriu que tinha um irmão. Bem, um meio-irmão: têm o mesmo pai... Quem sabe? Talvez descubras sangue russo ou parentes distantes no Uzbequistão.

Diane – Tenho a certeza das minhas origens francesas.

Karim – Queres apostar?

Diane – Não!

Karim – Faz o teste! Se tiveres origens árabes, casamo-nos na mesquita de Paris, está bem?

Diane – E se eu ganhar?

Karim – Olha... Se fores de ascendência europeia, nem que seja a noventa por cento, aceito casar-me na igreja.

Diane – Estás completamente louco.

Karim – Que risco corres, se tens tanta certeza das tuas origens?

Diane – Bem, já que insistes tanto... (Abre uma gaveta, tira uma tesoura, corta uma madeixa de cabelo e entrega-a a Karim.) Aqui tens... Nunca pensei que, se um dia me pedisses uma madeixa de cabelo, fosse para fazer um teste de ADN.

Diane sai. Karim segue-a.

Karim – Espera! Podemos conversar, não podemos?

Édouard e Thérèse entram.

Thérèse – Tenho a sensação de que as coisas não estão a correr bem...

Édouard – Não me digas que isso te alegra. Não seria muito cristão da tua parte...

Um tempo.

Thérèse – Não deveria ter falado assim com ele, eu sei.

Édouard – Ele é mesmo teimoso. Quanto mais lhe dissermos que o Karim não é o homem certo para ela, mais depressa ela quer casar com ele.

Thérèse – Tens razão...

Um tempo.

Édouard – Por outro lado, ele é um bom rapaz... e tem uma boa posição. A Comédie-Française, afinal, não é um teatro qualquer...

Thérèse – Claro, não estou a dizer o contrário, mas...

Édouard – Mas?

Thérèse – Não conhecemos a família dele. Essas pessoas não têm a mesma cultura que nós. Ele, aparentemente, está bem integrado, mas os pais, irmãos, irmãs dele...

Édouard – Tem irmãos ou irmãs?

Thérèse – Não sei. Suponho...

Édouard – De qualquer forma, não devemos pressioná-la.

Thérèse – Talvez possamos sugerir-lhe que não se precipite. Este casamento parece um pouco apressado, não achas?

Édouard – Há quanto tempo eles se conhecem?

Thérèse – Apresentou-nos a ele no Natal.

Édouard – Já se deviam conhecer antes.

Thérèse – Sim, mas não se casa assim, de repente.

Édouard – Quando casámos, conhecíamos-nos apenas há três meses...

Um tempo.

Thérèse – Era uma época diferente.

Diane regressa, não se sente bem.

Édouard – Está tudo bem, querida?

Diane – Fantástico... E vocês? Porque é que estão com essas caras de conspiradores?

Thérèse – Que estás a insinuar? Tens a certeza de que está tudo bem?

Édouard – Discutiste com ele?

Diane – Digamos que tivemos uma pequena divergência de opiniões.

Thérèse – Sobre o quê? Sobre o casamento?

Diane – Ele acredita que ser cem por cento francês durante vinte ou trinta gerações não é possível.

Édouard – E então?

Diane – Então, vou fazer um teste para provar que ele está errado.

Os pais dela ficam surpreendidos.

Thérèse – Desculpa...?

Édouard – Um teste?

Diane – Vou fazer um teste de ADN!

Thérèse – Mas, por favor, isso é ridículo!

Édouard – E ilegal também...

Diane – Ao que parece, basta mandar receber os resultados na Bélgica.

Thérèse – Mas que esperas descobrir?

Diane – Nada! Só quero provar que ele está enganado... Mas parece que vocês têm medo. Têm alguma coisa a esconder?

Thérèse – Mas de maneira alguma...

Diane – Passaste três anos a escrever um livro para provar que somos cem por cento gauleses. Já não tens tanta certeza?

Édouard – Claro que sim, mas...

Diane – Mas?

Thérèse – Testes de ADN são para criminosos...

Édouard – Ou para investigações de paternidade.

Thérèse – Tu sabes quem são os teus pais, não sabes?

Diane – De qualquer modo, agora é tarde: dei-lhe uma madeixa de cabelo e assinei o formulário.

Diane sai. Os pais ficam consternados.

Escuro.

Diane regressa com Karim.

Diane – Pronto. Acho que a minha mãe já se habituou à ideia de ter um genro de origem imigrante. Perguntou-me se podia convidar os teus pais para jantar.

Karim – Ótimo.

Diane – E então?

Karim – O quê?

Diane – Vais perguntar-lhes quando podem vir jantar, não vais?

Karim – Ah, pois...

Diane – Ainda não lhes disseste que nos vamos casar...

Karim – Estava à espera da altura certa...

Diane – Ah, sim? E quando é a altura certa?

Karim – Vou fazê-lo... esta noite, prometo.

Diane – Afinal, talvez os teus pais também não fiquem muito satisfeitos por ter uma nora gaulesa e católica.

Karim – Podia ser pior.

Diane – Ah, sim?

Karim – Podias ser judia.

Diane – Muito engraçado.

Karim – Estou a brincar. Os meus pais são como eu: bebem pastis, não fazem o Ramadão e só vão à mesquita para casamentos e funerais.

Diane – Nesse caso, já não sei se quero entrar para uma família de descrentes...

Karim – Ah, por falar nisso, já me esquecia: tenho os resultados do teu teste.

Diane – Do meu teste?

Karim – Do teu teste de ADN!

Karim entrega-lhe um sobrescrito, que Diane recebe com alguma apreensão.

Diane – Ah, pois é! Já nem me lembrava disso.

Karim – Claro que não abri o envelope.

Diane – Obrigada...

Karim – Não o vais abrir?

Diane – Não é como se estivesse à espera de saber se tenho cancro. Abro-o depois, quando te fores embora. É uma coisa pessoal, não é? E confidencial...

Karim – Confidencial... Lembro-te de que fizemos uma aposta...

Diane – O que esperas, afinal?

Karim – Nada! Absolutamente nada. Já que tens tanta certeza da pureza das tuas origens...

Diane – Pensava que tinhas um compromisso.

Karim – Vou andando... Até logo à noite...

Beijam-se. Karim sai. Assim que ele parte, Diane abre o sobrescrito, apreensiva. Lê os resultados e a expressão muda-lhe. Tira o telemóvel, volta a olhar para o papel e marca um número. Espera que atendam.

Diane – Sim, sou a Diane de Valmont... Acabei de receber os resultados do meu teste de ADN e... Sim, é isso mesmo. de Valmont, Diane... Então, vejo nos resultados que tenho 50% de genes de origem chinesa. É uma piada...? Bem, deve haver algum engano. Não, absolutamente não. Nenhum dos meus pais é chinês, e na verdade, não tenho traços asiáticos de forma alguma... Eu sei, às vezes não é visível em mestiços, mas eu não sou mestiça! Sim, Diane de Valmont... Não há possibilidade de erro? Mas não é verdade... *(A mãe dela chega)* Certo, tenho que deixar isto. Sim, obrigada...

Thérèse – Há algum problema?

Diane – Não, não, é um cliente que... Sobre este teste de ADN... Bem, não posso falar sobre isso, é confidencial...

Diane sai precipitadamente. Thérèse observa-a, preocupada. Édouard entra com uma pasta na mão.

Thérèse – Ainda estás a trabalhar no teu manuscrito? Pensei que já o tinhas enviado ao editor...

Com um ar conspirador.

Édouard – Não é o meu manuscrito, é... um relatório de investigação.

Thérèse – Um relatório de investigação? Estás reformado há mais de um ano...

Édouard – Mas mantive alguns contactos na polícia, felizmente.

Thérèse – Felizmente? Feliz para quem?

Édouard – Para nós! Consegui descobrir um pouco mais sobre o Karim... e a família dele.

Thérèse – Não me digas que fizeste isso!

Édouard – Porque não? Aposto que também preferes saber um pouco mais sobre essa gente antes de lhes confiares a tua filha.

Thérèse – A minha filha? Lembro-te que também é tua filha! E se ela descobrir o que fizeste, a polícia terá de investigar um parricídio...

Édouard – Por isso mesmo, vamos fazer tudo para que ela não descubra...

Thérèse – Mas, Édouard, isso é monstruoso! O que é que te passou pela cabeça?

Ele senta-se e abre o seu dossiê.

Édouard – Então não queres saber? Muito bem, não te conto nada...

Depois de uma pequena hesitação, ela senta-se ao lado dele e dá uma olhada no dossiê.

Thérèse – Claro que quero saber! O que encontrou?

Ele folheia o dossiê.

Édouard – Nada.

Thérèse – Como assim nada?

Édouard – O dossiê está completamente vazio. Nem os pais nem o filho têm antecedentes criminais. Não há nenhum relatório de radicalização...

Thérèse – Quase pareces desiludido...

Édouard – Mais propriamente, um pouco invejoso... O pai foi condecorado com a Legião de Honra por presidir a uma associação cultural franco-marroquina. A mãe recebeu a distinção de Cavaleira das Artes e Letras por ter publicado vários romances em francês.

Thérèse – E precisava de uma investigação policial para saber isso?

Édouard – Não, encontrei isso na Wikipedia...

Thérèse – E ele? Karim?

Édouard dá outra olhada no dossiê.

Édouard – Encontrei algumas infrações rodoviárias, incluindo um excesso de velocidade que lhe valeu a suspensão da carta de condução aos dezanove anos.

Thérèse – Isso é tudo?

Ele olha novamente para o dossiê.

Édouard – Neste momento só lhe restam seis pontos... Seja como for, devíamos pedir-lhe que conduzisse um pouco mais devagar...

Thérèse – Nada mais? Está certo...?

Édouard – Diane tem razão... É uma antiga família marroquina que pertence à alta burguesia de Casablanca.

Thérèse – Não me digas que, além de consultares o cadastro, investigaste também a árvore genealógica deles...

Édouard – Os pais ficaram em França depois de estudarem em Paris. Foi lá que se conheceram...

Thérèse – Em resumo, uma família exemplar em termos de integração.

Édouard – Se ao menos o Karim fosse católico, seria o genro perfeito...

Um momento.

Thérèse – Leva este dossiê imediatamente e coloca-o no contentor amarelo no canto da rua, certo?

Édouard – Vou queimá-lo na lareira da sala de jantar. (Levanta-se para sair; ela levanta-se também.) Onde vais?

Thérèse – Vou confessar-me... Somos verdadeiramente monstruosos, não somos?

Édouard – Mmm...

Saem.

Escuro.

Diane entra com Karim.

Karim – É amanhã a estreia de O Burguês Fidalgo. Vens?

Diane – Claro.

Karim – Se quiseres convidar os teus pais, deixo-vos três bilhetes na bilheteira. É uma peça sempre atual, sabes...

Diane – Há alguma mensagem subliminar...?

Karim – De modo nenhum! Onde foste buscar essa ideia?

Diane – Desculpa...

Karim – Andas um bocado nervosa ultimamente. Há algum problema...?

Diane – Não, não, está tudo bem... Estou um pouco sobrecarregada, é tudo... No escritório tem sido uma loucura.

Karim – Tenta abrandar um pouco o ritmo.

Diane – Acabei de entrar no escritório. Ainda tenho de provar o meu valor, se quiser um dia chegar a sócia... E tu?

Karim – Oh, sabes como somos nós, os artistas... Só trabalhamos quando nos apetece... Até me pergunto porque é que nos pagam, se fazemos isto por prazer...

Diane – Que disparate... És membro da Comédie-Française, tens um contrato e recebes um salário.

Karim – Tens razão, é ainda pior... Como se pode ser ator e assalariado ao mesmo tempo? Quase funcionário público...

Diane – Sim, devíamos abolir esse tipo de privilégios. Como os regimes especiais dos caminhos-de-ferro.

Karim – E os teus pais, que pensam que vais casar com um artista maldito...

Diane – Ah, os meus pais, já passou muito tempo...

Um momento.

Karim – E os resultados do teu teste? Ainda não me contaste...

Diane – Ah, pois, o teste... Já nem sei onde o pus...

Karim – Não mo queres mostrar, é isso?

Diane – Não é nada disso...

Karim – O que se passa? Não deu exatamente o que esperavas? Tens cinco por cento de genes espanhóis ou italianos?

Um momento. Diane tira uma folha do bolso e entrega-lha.

Diane – Toma, aqui está.

Karim examina os resultados.

Karim – Não pode ser...

Diane – Foi o que eu também pensei.

Karim – Cinquenta por cento de origem asiática?

Diane – É uma loucura...

Karim – Os testes de ADN são perfeitamente científicos. Caso contrário, não serviriam de prova nos tribunais para condenar alguém.

Diane – Porque agora se trata de me levar a tribunal?

Karim – De maneira nenhuma! Não é crime ter origens estrangeiras, pois não? Não tens de te envergonhar...

Diane – Asiática, a sério... Eu? E «asiática» é bastante vago, não?

Karim – China, região de Cantão. É bastante preciso.

Diane – Estes testes são feitos por laboratórios privados, não por peritos nomeados pela justiça. E servem para fins recreativos. Tens a certeza de que são fiáveis?

Karim – Não te dá o nome nem a morada do teu progenitor, isso é certo. Mas, com cinquenta por cento de ascendência chinesa, pelo menos um dos teus antepassados diretos não seria normando nem bretão há várias gerações, como os teus pais.

Diane – Achas que tenho alguma coisa de asiática?

Karim – Nunca tinha reparado, mas, agora que o sei, realmente há qualquer coisa nos teus olhos...

Ela tira um espelho de bolso e olha-se rapidamente.

Diane – Estás a brincar?

Karim – Sabias que tinhas antepassados asiáticos?

Diane – Não.

Karim – Mas tem de haver alguma explicação... Os teus pais alguma vez estiveram na China?

Diane – Não sei... Acho que não.

Karim – E no bairro chinês de Paris, no décimo terceiro arrondissement?

Diane – Não.

Karim – A tua mãe tem amigos asiáticos? Sei lá, um merceeiro? Um acupuntor?

Diane – Está bem, continua a gozar comigo...

Karim – Seja como for, isto levanta algumas questões, não achas?

Diane – Que questões?

Karim – Para começar... Tens a certeza de que és mesmo filha do teu pai?

Diane – Ah, sim?

Karim – E, se não fores, de quem és filha?

Diane – E então?

Karim – Só a tua mãe te poderia responder a isso. Mas é claro que não é uma pergunta fácil de fazer à própria mãe...

Thérèse entra.

Thérèse – Ah, olá Karim... Como está?

Karim – Muito bem, obrigado.

Thérèse – Posso oferecer-lhe um café... ou um chá?

Karim – É muita amabilidade sua, mas estava mesmo de saída.

Thérèse – Espero que não seja por minha causa...

Karim – De maneira nenhuma... Amanhã é a estreia de O Burguês Fidalgo e esta noite temos o ensaio geral... Aliás, se quiserem, são meus convidados.

Thérèse – É muito gentil da sua parte. Vou falar com o meu marido.

O telemóvel de Karim toca.

Karim – Desculpa um instante...

Sai para atender.

Thérèse – É realmente um bom rapaz...

Diane – Podem parar de repetir isso os dois?

Thérèse – O quê?

Diane – Que ele é um bom rapaz!

Thérèse – Porquê? Não é um rapaz simpático?

Diane – É, mas... Não sei... «Um bom rapaz», o que quer isso dizer? Que é um bocado parvo? Eu não quero casar com um «bom rapaz»!

Thérèse – A sério?

Diane – Não é por nada, mas o pai também é um bom rapaz... E eu não gostaria de casar com o pai.

Thérèse – Ainda bem...

Diane – Também não era isso que queria dizer...

Thérèse – Bem, percebo que estejas um pouco zangada connosco... É verdade, não fomos muito calorosos com ele, mas que queres que façamos? É normal que os pais se preocupem um pouco com a filha. Sobretudo quando é filha única. Mas repito que não somos contra este casamento.

Diane – Obrigada...

Thérèse – Mas temos de conhecer os pais dele. Já te responderam sobre o jantar de domingo?

Diane – Ainda não...

Thérèse – Não sei o que lhes hei de preparar para jantar... O que é que os pais dele comem?

Diane – Como assim?

Thérèse – Quero dizer... Há alguma coisa que não comam?

Diane – Acho que não gostam muito de caracóis nem de pernas de rã.

Thérèse – Sabes perfeitamente o que quero dizer... Só não quero deixá-los pouco à vontade.

Diane – Comem de tudo, não te preocupes. Mas também não precisas de lhes servir um assado de porco no primeiro jantar... Olha, podias fazer comida chinesa...

A mãe parece um pouco desconcertada.

Thérèse – Porque é que lhes haveria de fazer comida chinesa?

Diane – Não sei... Porque... para a lua de mel, estamos a pensar ir à Ásia. Que achas?

Thérèse – Ásia? É muito grande, não é? Onde, exatamente?

Diane – Ainda não decidimos. Conhecem a Ásia?

Thérèse – Não.

Diane – China, talvez?

Thérèse – A China fica na Ásia, não fica?

Diane – Sim...

Thérèse – Ah, lembrei-me de que estive uma vez em Hong Kong.

Diane – A Hong Kong? Nunca me contaste!

Thérèse – Com o trabalho do teu avô viajámos bastante. Não achei que isso te interessasse...

Diane – Ficaram lá muito tempo?

Thérèse – Não... Talvez uma semana. Nessa altura, Hong Kong ainda não era propriamente a China.

Diane – E quando foi?

Thérèse – Não me lembro... Tu ainda não tinhas nascido. Fui com os meus pais, já te disse... Sim, acho que foi pouco antes do meu casamento...

Édouard entra.

Édouard – Cruzei-me com o Karim. É mesmo um rapaz muito amável... E muito educado...

Diane – Quer dizer, para ser árabe?

Thérèse – Estavam a pensar em ir para a lua de mel a Hong Kong.

Édouard – Ah, sim? Que ideia tão estranha...

Diane – Não disse Hong Kong, disse Ásia.

Édouard – A Ásia é grande.

Diane – Hong Kong fica longe de Cantão?

Édouard – Uns cem quilómetros, creio. À escala da China, Cantão é quase um subúrbio de Hong Kong.

Thérèse – Não me digas que queres passar a lua de mel em Cantão!

Édouard – Que sabes tu de Cantão?

Diane – Nada... A não ser o arroz cantonês...

Thérèse – Então porque queres passar lá a lua de mel?

Diane – É só uma ideia... Ainda não decidimos.

Édouard – Pensei que fossem a Marraquexe, por exemplo, conhecer os teus futuros familiares.

Diane – A família do Karim é de Casablanca.

Édouard – Marraquexe não fica muito longe de Casablanca, pois não?

Diane – Não... Mais ou menos à mesma distância que Hong Kong fica de Cantão...

Édouard – Bem, deixo-vos com esses problemas de geografia. A minha especialidade é mais a História...

Édouard sai. Thérèse parece um pouco desconfortável.

Thérèse – E essa história do teste de ADN? Já recebeste os resultados?

Diane – Ainda não. Isso demora algum tempo, sabes...

Thérèse – Ainda bem, ainda bem...

Diane – Porque dizes «ainda bem»?

Thérèse – Não, quero dizer...

Karim regressa.

Thérèse – Vou deixar-vos...

Thérèse sai.

Karim – Eram os meus pais ao telefone... Concordaram em vir jantar no próximo domingo.

Diane – Então já lhes contaste.

Karim – Claro...

Diane – E então?

Karim – Disse-lhes que ia casar com uma gaulesa e não levantaram objeções. Mas, se agora lhes disser que vou casar com uma chinesa...

Diane – Pois... Acabei de falar com a minha mãe sobre os resultados do meu teste de ADN.

Karim fica em pânico.

Karim – De quê?

Diane – Dos resultados do meu teste de ADN!

Karim – Não me digas que fizeste isso!

Diane – Por enquanto, só lhe perguntei se alguma vez estive na Ásia.

Karim – Ainda bem... E então?

Diane – Estive em Hong Kong pouco antes de se casar...

Karim parece mais desconfortável do que aliviado.

Karim – Não...?

Diane – Não muito antes de eu nascer. Infelizmente, parece que tudo bate certo...

Karim – Escuta, Diane, tenho de te contar uma coisa...

Diane – O quê?

Karim – Esse teste...

Diane – Sim?

Karim – Foi uma brincadeira...

Diane – Uma brincadeira?

Karim – Não imaginei que acreditasses numa coisa dessas. A sério... tu, chinesa...?

Diane – Mas como é possível? O meu nome vem nos resultados. Estás a dizer isso só para me tranquilizar, não é?

Karim – Fiz o pedido em teu nome, mas, em vez da tua madeixa de cabelo, enviei a de uma amiga minha que vive em Bruxelas. É chinesa... Bem, o pai dela é chinês...

Diane – O quê? Isso é de uma irresponsabilidade completa! Já ia perguntar à minha mãe se o meu pai era mesmo o meu pai...

Karim – Ia contar-te, claro, mas o telemóvel tocou naquele preciso momento. Nunca pensei que fosses contar logo à tua mãe...

Diane – Não acredito... Estás completamente louco!

Karim – Desculpa, foi só uma brincadeira. De mau gosto, está bem. Mas irritaste-me tanto com essa história das tuas origens francesas...

Diane – Acho melhor ires-te embora...

Karim – Diane...

Diane – Agora mesmo.

Karim – E que digo aos meus pais, a propósito do jantar de domingo?

Diane – Diz-lhes o que quiseres. Estou-me nas tintas.

Karim – Está bem, telefono-te quando estiveres mais calma...

Diane – Está bem...

Karim vai-se embora. Thérèse regressa, desconfortável.

Karim – Desculpa. Estou mesmo arrependido...

Thérèse – O Karim já não está cá?

Diane – Ele acabou de sair...

Thérèse – Não te incomoda?

Diane – Não. Porquê?

Thérèse – Preciso de falar contigo... A sós...

Diane – Que cara é essa? É assim tão grave?

Thérèse – Um pouco, sim.

Diane – Estás a assustar-me... Não estás doente, pois não? Não vais dizer-me que tens cancro?

Thérèse – Não, descansa. Não estou doente. O teu pai também não. Mas é uma coisa difícil de contar...

Diane – Estou a ouvir...

Thérèse – Talvez seja melhor sentares-te.

Diane – Estou bem de pé.

Thérèse – É sobre a história do teste de ADN.

Diane – Sim... E então?

Thérèse – Como, de qualquer forma, vais acabar por descobrir, prefiro ser eu a contar-te.

Diane – Descobrir o quê?

Thérèse – Bem...

Diane – O quê?

Thérèse – O teu pai... na realidade, não é o teu pai.

Um momento.

Diane – Acho que afinal me vou sentar...

Ela senta-se.

Thérèse – Compreendo que seja difícil de ouvir.

Diane – Como assim, o meu pai não é o meu pai?

Thérèse – Não é o teu pai biológico, se preferires.

Diane – Ah, não...?

Thérèse – Não.

Diane – Estás a dizer que... fizeste uma inseminação artificial? Tu?

Thérèse – Não... Artificial não é bem a palavra...

Diane – Está bem... Então quem é o meu pai?

Thérèse – Outro homem...

Diane – Sim, isso já eu tinha percebido...

Thérèse – Um homem que conheci pouco antes de casar com o teu pai.

Diane – Um chinês de Hong Kong?

Thérèse – Um chinês? De maneira nenhuma! Porque é que dizes isso?

Diane – O Karim disse-me que tinha recebido os resultados do meu teste e que eu tinha origens chinesas.

Thérèse – Ele disse-te isso?

Diane – Depois disse que era uma brincadeira, mas talvez tenha sido só para me poupar...

Thérèse – Não. Posso garantir-te que o teu verdadeiro pai não é chinês.

Diane – Está bem.

Thérèse – Olha, tenho muita pena, mas sinto-me aliviada por te ter contado.

Diane – Ainda bem... Fico contente por ti, se estás aliviada...

Thérèse – Quando falaste deste casamento, e sobretudo deste teste, claro... Tudo me voltou à memória...

Diane – Pois... os cadáveres acabam sempre por vir à superfície. E os filhos ilegítimos também...

Thérèse – A verdade não se pode esconder eternamente... Chega sempre a hora de pagar a conta...

Diane está chocada.

Diane – Não é possível... Então... traíste o pai? Tu?

Thérèse – Nunca o traí... Foi antes de conhecer o teu pai. Bem, antes de conhecer o Édouard. De qualquer maneira, antes de me casar com ele.

Diane – Portanto, não foi em Hong Kong.

Thérèse – Foi em Casablanca.

Diane – Em Casablanca?

Thérèse – Passei lá seis meses com os meus pais, pouco antes de me casar. O teu avô estava lá destacado, nessa altura...

Diane – Nunca me contaste que tinhas vivido em Marrocos!

Thérèse – Preferi esquecer essa época da minha vida.

Diane – Então quem é o meu verdadeiro pai?

Thérèse – Quando estávamos lá, tínhamos um motorista. Eu era muito nova e um pouco ingénua. Ele era mais velho do que eu...

Diane – Um motorista? Árabe, imagino...

Thérèse – Chamava-se Salim... Pouco depois, descobri que estava grávida.

Diane – E então?

Thérèse – Não contei nada a ninguém, nem sequer ao Salim. Um casamento com ele estava completamente fora de questão. Os meus pais nunca o teriam permitido...

Diane – E depois?

Thérèse – Voltei a França com os meus pais. Conheci o Édouard e, umas semanas depois, casámo-nos.

Diane – E ele pensa que sou filha dele...

Thérèse – Mas és filha dele! Foi ele quem te criou, comigo.

Diane – Sabes perfeitamente o que quero dizer. Ele sabe que não sou filha biológica dele?

Thérèse – Não sei... De qualquer maneira, nunca falámos nisso...

Diane tenta assimilar todas estas informações.

Diane – Então a minha vida inteira assenta numa mentira... E a vossa também...

Thérèse – Eu diria antes... num não-dito.

Diane – E tu que defendes os valores cristãos...

A mãe dela está desfeita.

Thérèse – Peço-te que não me julgues... Eram outros tempos...

Diane – Já estávamos no ano 2000, não?

Thérèse – Peço-te que não contes nada ao teu pai, claro. Pelo menos ainda não...

Diane – Para não estragar o casamento, certo? Podemos dizer-lhe logo depois da cerimónia... Que hipocrisia!

Thérèse – A ideia de casares com um rapaz de Casablanca trouxe-me estas memórias dolorosas. É por isso que não me senti muito à vontade com esta história...

Diane – E acredita mesmo que conseguirei guardar este segredo de família só para mim?

Thérèse – De qualquer forma, em algum momento teria de saber... Sinto-me aliviada por me ter libertado deste grande fardo...

Diane – Pois... Eu não.

Thérèse está à beira das lágrimas.

Thérèse – Espero que um dia possa perdoar-me...

Diane – E o meu pai, ainda está vivo?

Thérèse – Não sei... De verdade, não sei...

Édouard entra com um livro.

Édouard – Aí está ele, o bebé!

Diane – Desculpe...?

Édouard – O meu livro! Acabei de receber o primeiro exemplar!

Thérèse – Ah, sim... O livro...

Escuro.

Diane está com Karim.

Karim – Não me digas que também me estás a pregar uma partida...

Diane – Infelizmente, não...

Karim – Então és mesmo cinquenta por cento árabe?

Diane – Segundo o teste de ADN, não sei. Mas, segundo a minha mãe, sim...

Karim – Queres que faça outro teste, para termos a certeza?

Diane – A minha mãe é católica. Não vejo porque havia de confessar que teve uma filha fora do casamento se não fosse verdade.

Karim – Tens razão... A confissão de uma mãe é ainda mais fiável do que um teste de ADN.

Diane – Nem consigo acreditar...

Karim – Agora que sei... É verdade que tens um aspeto bastante mediterrânico. Se calhar foi isso que me atraiu em ti, mesmo sem o saber...

Diane – Como é que ela pôde esconder-me isto durante todos estes anos?

Karim – Como dizes, não tinha motivo nenhum para se gabar disso. E depois há o teu pai...

Diane – Sim...

Karim – A boa notícia é que agora não há razão nenhuma para não querer um árabe na família...

Diane – Hum...

Karim – Nesse caso, não seria melhor casarmo-nos na mesquita? Ou até em Casablanca, já que também és de lá!

Diane – Já percebi, estás a gozar comigo...

Karim – Mas espera... pensando bem, talvez até sejamos parentes. Também não queríamos descobrir que somos primos direitos...

Diane – Era o motorista da família...

Karim – Filha de um criado...? Pelo menos não corremos o risco de um casamento consanguíneo. Eu venho de uma grande família burguesa...

Diane – Fico muito contente por ti...

Karim – Ah, mas então... Com tudo isto, já nem sei se os meus pais vão continuar a concordar com o casamento.

Diane – Porque sou filha ilegítima?

Karim – Porque és filha de um motorista árabe! Eu tinha-lhes falado de uma aliança com uma família francesa com trinta gerações de história...

Diane – Agradeço imenso o teu apoio... Acabei de descobrir que o meu pai não é o meu pai biológico, e que o meu pai não sabe. Não é fácil de digerir, sabes?

Karim – Desculpa, tens razão... Mas falaste-me tanto da tua árvore genealógica cem por cento gaulesa...

Diane – E, além disso, isto é tudo culpa tua!

Karim – O quê?

Diane – Se não me tivesses pressionado a fazer aquele teste... E se não me tivesses mentido sobre os resultados...

Karim – Mesmo que o teste tivesse sido feito com o teu cabelo, terias descoberto que és meio árabe...

Diane – Talvez... Mas eu nunca teria tido a ideia de fazer um teste de ADN.

Karim – E terias vivido numa mentira a vida inteira!

Diane – Eu não andava à procura da verdade a qualquer preço! Estou-me nas tintas para a verdade!

Karim – Boa mentalidade...

Diane – Muito bem. Já que não sou suficientemente boa para a tua família de ministros, arranja outra. Uma princesa árabe, por exemplo! E agora, se não te importas, quero ficar sozinha...

Karim – Não leves a mal... Desculpa-me, por favor.

Diane – E já agora, tens a certeza das tuas próprias origens?

Karim – Desculpa?

Diane – A tua mãe também pode ter traído o teu pai.

Karim – A minha mãe...? Não, garanto-te que não é nada do género dela.

Diane – Ah, e então seria do género da minha mãe...? Estás a ficar mesmo ofensivo.

Karim – Não foi isso que eu quis dizer.

Diane – Faz o teste! Obrigaste-me a fazer um. É o mínimo, não?

Karim – Isso é ridículo...

Diane – Ah, sim? Então não apareças à minha frente enquanto não me tiveres mostrado os resultados do teu teste de ADN. Entretanto, quero que me deixes em paz.

Karim – Está bem, está bem... Se fazes tanta questão... Vou fazer o teste...

Ele aproxima-se dela, num gesto de reconciliação, mas ela afasta-o.

Diane – Acho que já te disse que podias ir embora...

Karim – Vou tratar disso imediatamente... Pelo serviço expresso são três dias. É um pouco mais caro, mas pronto...

Diane – Muito bem, então vemo-nos em breve.

Karim sai. Édouard entra.

Édouard – Acabei de me cruzar com o Karim. Parecia preocupado. Está tudo bem?

Diane – Está tudo bem, não te preocupes.

Édouard – Estou ansioso por conhecer os pais dele no domingo. E também teremos de falar dos preparativos do casamento...

Diane – Dos preparativos...? Parece que estás a falar de uma transação imobiliária...

Édouard – Teremos de gerir adequadamente o aspeto multiconfessional, não é? Suponho que queira casar na igreja, mas também teremos de organizar algo para... Não temos nada contra um casamento misto, mas é um pouco mais complicado, não?

Diane – Pois bem, vais ficar contente por saber que talvez seja muito mais simples.

Édouard – Ah, sim? Porquê?

Diane – Porque já não nos vamos casar... Não era isso que querias?

Sai. Édouard parece atordoadado. Thérèse entra.

Thérèse – O que se passa?

Édouard – É a Diane... Já não quer casar-se... Achas que a culpa é nossa?

Thérèse parece chocada.

Thérèse – Espero que não... Nunca me perdoaria... Queimaste bem aquele relatório da polícia?

Escuro.

Diane está em cena. Karim entra. Ela parece surpreendida.

Karim – Estou a incomodar?

Diane – Quem te abriu a porta?

Karim – A tua mãe... Abraçou-me e pôs-se a chorar...

Diane – A sério?

Karim – Depois repetiu três vezes que eu estava em minha casa e ofereceu-me uma limonada.

Diane – Bem, parece que estamos a progredir...

Karim – Pois. Da última vez tinha sido chá de hortelã.

Diane – Da próxima vez, talvez seja um aperitivo com uma seleção de enchidos.

Um momento.

Karim – Como não atendias o telemóvel, achei melhor passar por aqui... Estás bem?

Diane – Já te disse que não te queria ver antes de me mostrares os resultados do teu teste...

Um momento.

Karim – Pois bem, acabei de recebê-los.

Diane – E então?

Karim parece desconfortável.

Karim – Então... Aqui estão.

Ele entrega uma folha, que ela examina cuidadosamente... antes de abrir os olhos bem grandes.

Diane – Não pode ser... É outra das tuas brincadeiras de mau gosto?

Karim – Não, infelizmente não.

Diane – E tens a certeza de que o cabelo era mesmo teu?

Karim – Absoluta.

Diane – Cinquenta por cento de origem judaica! Não haverá nenhum erro?

Karim – Liguei para o laboratório. Não há nenhum erro.

Diane – Tu, judeu?

Karim – Ao mesmo tempo, judeus, árabes... todos somos primos, não é? Não é surpreendente que tenhamos genes em comum.

Diane olha novamente para a folha.

Diane – Ascendência judaica asquenaze... Estás a gozar? São os judeus da Europa de Leste! Estamos muito longe de Marrocos...

Karim – Sim, pensei o mesmo...

Diane – Então a tua mãe também teria tido uma relação com outro homem?

Karim – Com um judeu? Mesmo que a minha mãe não seja praticante, ela continua solidária com o povo palestino...

Diane – A minha é católica, os meus antepassados participaram nas cruzadas e ela esteve com um árabe.

Karim – Seja como for, não me vejo a fazer-lhe essa pergunta.

Diane – Pois é, mas agora já nem sei se isto vai ser possível...

Karim – O quê?

Diane – Nós dois! Se eu sou meio árabe, já não sei se quero casar com um tipo que é meio judeu...

Karim – Começo a pensar que tinhas razão... Estes testes deviam ser proibidos à população em geral...

Diane – Sim...

Um momento.

Karim – E como vão as coisas com os teus pais? Já falaste com o teu pai?

Diane – Como queres que lhe fale nisso?

Karim – Descobrir que a filha única não é biologicamente sua... Não vai ser fácil de digerir.

Diane – Imagina que os meus pais se divorciam mesmo antes do nosso casamento... Não era nada agradável, pois não?

Karim – Por outro lado, não podes esconder-lhe a verdade para sempre...

Diane – Porque não? Sabes, os católicos são como a máfia. Sempre praticámos a omertà... Quer lhe chamemos mentira por omissão ou segredo de confissão... Desde que não venha a público, é como se não tivesse acontecido. Caso contrário, metade dos bons católicos estaria na cadeia... Sem falar dos padres...

Karim – Acho que devias contar-lhe...

Diane – Ah, sim? E tu, pensas contar à tua mãe que tens ascendência judaica?

Karim – Para trazer o conflito israelo-palestino para dentro de casa...? Não sei bem...

Diane – Então? O que se sente ao descobrir que se é meio muçulmano e meio judeu?

Karim – Sou ateu, de qualquer forma, por isso... E parece que a identidade judaica se transmite pela mãe, não pelo pai.

Diane – Porque só da mãe podemos ter a certeza absoluta... A prova está à vista.

Karim – Nesse caso, tecnicamente, eu nem sequer seria judeu...

Diane – Basta dizeres isso ao teu pai... Deve ser suficiente para o tranquilizares...

Karim – Estávamos a pensar se devíamos casar na igreja ou na mesquita... No final, talvez possamos fazê-lo na sinagoga.

Diane – Sim...

Karim – E porque não nas três?

Diane – Assim, ao menos, temos a certeza de ficar casados...

Édouard entra.

Karim – Vou deixar-vos... Acho que têm coisas de que falar...

Édouard – Não, pode ficar! Além disso, eu estava apenas a passar...

Karim – De qualquer forma, eu estava de saída...

Karim sai.

Édouard – Estou à procura da tua mãe. Não a viste?

Diane – Não...

Édouard – Não me digas que voltaste a discutir com o Karim...

Diane – Não, não, está tudo bem. Mas vais achar graça: o Karim também fez um teste de ADN e acabou de descobrir que tem ascendência judaica...

Édouard – Ah, sim?

Diane – Isso não te surpreende mais?

Édouard – Já que de qualquer modo ele não é católico como nós, ser judeu ou árabe que diferença faz?

Diane – Nenhuma, tens razão...

Um momento.

Édouard – E tu, já recebeste os resultados do teu teste?

Diane – Sim...

Édouard – E então?

Diane – Nada de surpreendente desse lado...

Édouard – A sério?

Diane – Sim, a sério.

Édouard – Podes contar-me tudo, sabes. Sou teu pai e serás sempre minha filha...

Um momento.

Diane – Então já sabes...

Édouard – Claro.

Diane – Foi a mãe que te contou?

Édouard – Nunca falei disso com a tua mãe. Mas sempre soube...

Diane – Nunca falaram disso?

Édouard – Não...

Diane – Porquê?

Édouard – Não queria pô-la numa situação difícil... E depois... não é como se ela me tivesse traído. Foi antes do casamento... Foi um erro.

Diane – Um erro? É assim que lhe chamas? Estamos a falar de mim!

Édouard – Foste concebida antes de eu sequer conhecer a tua mãe. Bem, já nos conhecíamos, mas... Quando regressou de Marrocos começámos a namorar. Para mim, era um sonho... Era muito bonita, e eu já sabia que não podia ter filhos...

Diane – E ela não te contou nada...

Édouard – Não precisou de me dizer nada. Entendi muito cedo. E eu... já sabia que não podia ter filhos. Amava-a, casei-me com ela tal como era. Não lhe fiz perguntas...

Diane – Reconhece que é difícil de compreender.

Édouard – Amava-a. Pensei que estava a agir como um cavalheiro. Para salvar a sua honra. Ela ficou-me muito grata. E acho que com o tempo, também acabou por me amar...

Diane – E eu? Que papel tinha eu nesta história?

Édouard – Para mim eras minha filha. Achei que cabia à tua mãe contar-te, se quisesse. Também há pais que escondem dos filhos que foram adotados...

Diane – Sim, mas eu não fui abandonada pelo meu pai, pois não? A mãe disse-me que ele nem sequer sabia que tinha uma filha...

Édouard – Lamento muito que tenhas descoberto as coisas desta maneira.

Diane – E o meu pai, então? Quero dizer, o meu pai biológico...

Édouard – Não sei... A tua mãe nunca mais voltou a Marrocos, e eu também nunca lá estive. Por isso, quando nos disseste que o teu noivo era marroquino...

Diane – Achas que ele ainda está vivo?

Édouard – Teria de perguntar à tua mãe...

Thérèse entra.

Thérèse – Perguntar o quê?

Édouard – Deixo-vos...

Sai.

Diane – Estávamos a falar do meu pai... O meu pai biológico... Queria saber se ainda está vivo.

Thérèse – Então contaste-lhe...

Diane – Nem precisei... Disse-me que sempre soube.

Thérèse – Não me surpreende...

Diane – E então?

Thérèse – O quê?

Diane – O meu pai! Ainda está vivo?

Thérèse – Não sei... Nunca tentei ter notícias dele. Mas se quiseres saber, talvez ainda haja maneira...

Diane – Ajudam-me?

Thérèse – Acho que é o mínimo que te devemos...

Abraçam-se à beira das lágrimas.

Diane – Quanto mais penso, mais me convenço de que o casamento deve ser em Casablanca. Se encontrar o meu pai, será uma oportunidade para reunir as três religiões monoteístas...

Thérèse – As três?

Diane – Eu explico...

Escuro.

Diane e Karim entram.

Karim – Lamento saber que o teu pai biológico já morreu.

Diane – Morreu um ano depois de eu nascer.

Karim – Doença?

Diane – Um acidente de automóvel. Ele era motorista. O carro despistou-se na marginal de Casablanca, com a nova patroa. Morreram os dois no acidente...

Karim – Na marginal de Casablanca?

Diane – Sim... Também me faz pensar naquela cena célebre com Cary Grant e Grace Kelly em Ladrão de Casaca... O carro desportivo a toda a velocidade pela estrada sinuosa da costa, antes de se despistar...

Karim – Sim, mas... a marginal de Casablanca...

Diane – Que tem?

Karim – Bem... Parece-se mais com a Promenade des Anglais, em Nice, do que com a estrada da costa do Mónaco. É completamente plana...

Diane – E eu que estava a tentar dar um lado romântico à morte do meu pai... Outra tentativa falhada...

Karim – Desculpa... Uma saída de estrada na marginal de Casablanca... Uma estrada completamente a direito.

Diane – Se calhar estava bêbedo.

Karim – Não gostaria nada de ter o teu pai como motorista...

Diane – Em todo o caso, obrigada pelo apoio. Faz-me muito bem...

Karim – Por outro lado, não teria sido nada fácil reencontrares o teu pai biológico precisamente no dia do nosso casamento.

Diane – Não, para ninguém...

Karim – Seja como for, fico contente por ver que isto não te afeta demasiado. Estás mais radiante do que nunca.

Diane – É porque fiz outro teste. E desta vez, o teste era mesmo meu.

Karim – Fizeste outro teste de ADN? Não me digas que afinal descobriste que és mesmo filha do teu pai? Em linha direta...

Diane – Eu disse um teste, não disse um teste de ADN.

Karim – Então, um teste de quê?

Diane – Adivinha...

Karim – Não sei...

Diane – Os meus pais têm razão. És um bom rapaz, mas não és muito perspicaz... Espero que este bebé não saia a ti.

Karim – Não... Um teste de gravidez?

Diane – Estou grávida, Karim.

Karim – Mas isso é fantástico!

Diane – Se quiseses, fazemos um teste para saber quem é o pai.

Karim – Nunca! Com este não vamos querer saber de onde vem, prometo...

Diane – Mas então esta criança será católica, judia ou muçulmana...?

Karim – Digamos que uma mistura das três...

Diane – Ou, melhor ainda, nenhuma delas.

Karim – A sério...?

Diane – Afinal, tens razão. Não o batizamos nem o circuncidamos...

Karim – Já sabes que é um rapaz?

Diane – Se for rapariga, ainda é mais simples.

Karim – Está bem, um batismo civil. E o casamento?

Diane – Casamo-nos na câmara municipal.

Karim – Tens razão. Aparecer na igreja já com a noiva grávida não ficava muito bem, de qualquer maneira.

Beijam-se. Édouard e Thérèse entram e surpreendem-nos. Todos estão um pouco desconfortáveis.

Thérèse – Desculpem...

Édouard – Deixamo-los em paz...

Diane – Não, não, íamos sair de qualquer maneira... Só passámos para nos despedirmos...

Karim – Os meus pais convidaram-nos a passar o fim de semana na casa de campo deles, em Cap-d'Ail.

Diane – Fica perto do Mónaco.

Thérèse – Ah, percebo... Tudo bem...

Édouard – É o senhor que vai conduzir, Karim?

Karim – Hum... Sim, vamos no meu carro...

Édouard – Então prometa-me uma coisa...

Karim – Sim...

Édouard – Não vai conduzir depressa demais nas estradas de montanha, pois não?

Diane – Porque é que dizes isso? Por causa do filme?

Thérèse – Que filme?

Édouard – Só queremos que tenham cuidado na estrada. É normal.

Thérèse – Um excesso de velocidade acontece num instante...

Édouard – Seria uma pena que lhe suspendessem outra vez a carta...

Karim e Diane ficam um pouco desconcertados. Édouard e Thérèse parecem embaraçados.

Escuro.

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

<https://jeanpierremartinezmusic.com/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comédias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites

<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Setembro de 2023

© La Comédiathèque

ISBN 978-2-37705-993-5

Documento para download gratuito